

ARTIGO

HISTÓRIA LOCAL: CONCEITO, TRAJETÓRIA, RAZÕES E DESAFIOS

HISTORIA LOCAL: CONCEPTO, TRAYECTORIA, RAZONES Y DESAFÍOS

LOCAL HISTORY: CONCEPT, TRAJECTORY, REASONS AND CHALLENGES

Neila Ferraz Moreira Nunes¹

RESUMO:

Este artigo busca discutir e esclarecer o conceito de História Local, sua abrangência, limites e desafios, analisando ao mesmo tempo, a natureza de seus autores e o público alvo de sua produção. Tem também por objetivo percorrer a trajetória desta modalidade historiográfica de suas origens aos dias atuais. Além do mais, pretende avaliar seus pontos positivos, suas relações com o sentimento de pertencimento e a construção da cidadania, observando os cuidados necessários para sua produção. Constitui a base metodológica do trabalho uma revisão bibliográfica da historiografia relacionada ao tema, seguida da observação de obras sobre história local circunscritas à região norte e noroeste fluminense.

PALAVRAS-CHAVE: História local. História regional. Memorialistas e história científica. Cidadania. Acervo documental.

RESUMEN:

Este artículo busca discutir y aclarar el concepto de Historia Local, sus alcances, límites y desafíos, analizando la naturaleza de sus autores y el público objetivo de su producción. También pretende cubrir la trayectoria de esta modalidad historiográfica desde sus orígenes hasta la actualidad. Además, pretende evaluar sus puntos positivos, sus relaciones con el sentimiento de pertenencia y la construcción de ciudadanía, observando el cuidado necesario para su producción. Constituye la base metodológica del trabajo, una revisión bibliográfica de la historiografía relacionada

¹ Licenciada em História (FAFIC-1968) e mestre em Ciências Políticas (IUPERJ -2002). Servidora aposentada do IFF e da FAFIC/UNIFLU. E-mail: neila.ferraz2@gmail.com

con el tema, seguida de la observación de obras de historia local circunscritas a la región norte y noroeste de Río de Janeiro.

PALABRAS CLAVE: Historia local. Historia regional. Memorialistas e historia científica. Ciudadanía. Colección documental.

ABSTRACT:

This paper aims to discuss and clarify the concept of Local History, its scope, limits and challenges, as well as analyze the nature of its authors and target audience of its production. It also aims to cover the trajectory of this historiographical modality from its origins to current days. Furthermore, it intends to assess its positive aspects, its relations to the sense of belonging, and the construction of citizenship, taking into account the necessary aspects for its production. A literature review on the historiography related to the topic also constitutes the methodological core of this paper, followed by the observation of works on local history circumscribed to the north and northwest region of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Local History. Regional History. Memorialists and scientific History. Citizenship. Document archives.

1 - INTRODUÇÃO

Vivemos hoje uma realidade globalizada com meios de comunicação ágeis e instantâneos, com experiências de alta tecnologia, e nestas circunstâncias cabe uma reflexão sobre a natureza da História que aqui se pretende abordar. O contexto do mundo atual constitui um cenário perfeito para a predominância da História geral, História global ou das civilizações se sobrepondo ao interesse por uma história regional/local, detentora talvez de um papel secundário, com conteúdos desnecessários e ultrapassados. Inversamente, porém não é o que acontece, pois nos últimos tempos: a história regional/local vive e persiste. Fundamenta esta afirmação o fato de que uma análise específica do universo total não é capaz de explicar todo o processo histórico que se realiza entre o macro e o micro perpassando pelos mais diversos níveis de acontecimentos que se interpenetram e se complementam.

A História pode ser objeto de uma análise macro ou micro, geral ou local, ambas válidas, dependendo da escala de observação usada pelo historiador. Aliás, a multiplicação das escalas de observação representa um movimento saudável e capaz de promover o conhecimento da produção social em seus mais variados

níveis, revelando uma face mais aprimorada do processo histórico do total ao local. Há, porém que se ressaltar aqui, que a História de caráter mais geral resalta as semelhanças e homogeneiza o discurso historiográfico, entretanto, não dá conta das especificidades dos lugares, como o faz o estudo do regional/local que prioriza o que é particular, trata das diferenças e dá a perceber a multiplicidade das características existentes, razão de sua importância.

Já se disse que “toda história é local” da feita que todo fato se realiza em um “lugar” e é neste lugar que se desenrola a vida de cada um. É no pequeno espaço, onde vivemos o dia a dia que enfrentamos nossos desafios e projetamos nossas aspirações. Por isso mesmo, o homem de uma maneira geral busca, no seu lugar, as respostas para os porquês de sua existência, a explicação das questões que lhe são próximas e as razões que expliquem a sociedade na qual se insere. Interessa-se pela história que gira em seu entorno, que na ponta da linha é a História Local.

Esta História tem sido, entretanto objeto de debates constantes e apresenta-se como um desafio para os historiadores principalmente sob o ponto de vista teórico. Isto porque os contornos de seu conceito se apresentam indefinidos, a valorização de seus autores tem gerado variadas discussões e a definição de seus limites não tem sido tarefa fácil. A História Local tem sido considerada por este conjunto de circunstâncias e, por algum tempo, uma categoria desvalorizada, ignorada e até mesmo evitada. “Estou ciente de que, falar em “localidade” significa um campo minado que todos evocam, poucos estudam e muitos equivocam”. (TORRE, 2020, p. 73).

O propósito deste trabalho é discutir as questões inerentes ao tema – História Local- procurando compreender quem são seus autores, quais os caminhos de sua evolução, detectar seus valores, dificuldades e limites. É obvio que pela abrangência do tema nem sempre daremos conta de atingir respostas precisas e definitivas, mas certamente, desenvolvendo com empenho uma discussão mais aprofundada, atingiremos o propósito de obter mais clareza sobre os muitos questionamentos que o envolvem. Para atingir tais objetivos tornou-se necessário fazer uma releitura de autores que tratam do assunto e seguindo as variadas linhas de debate, atingir um entendimento mais preciso sobre tais questões.

2 - EM BUSCA DE UM CONCEITO

2.1 - História local: abrangência e limites

Lidar com História Local tanto no âmbito teórico, em sua produção e ainda em sua aplicação no ensino, nos remete sempre ao enfrentamento de muitas dificuldades muitas delas inerentes a definição de seu conceito. O que podemos denominar História Local? O que ela abrange? Quais são seus limites? Quem são seus autores e a que público se destina? São questões que sempre afloram no momento de lidar com este tema que aqui se pretende discutir.

Seu conceito e respectiva abrangência constitui um problema central quando se trata de História Local – um estudo de pequenas localidades escrito por pessoas de diferentes segmentos sociais, não necessariamente historiadores. Deve-se considerar como História Local a

produção histórica dos lugares. Com essa expressão refiro-me as práticas sociais, culturais e políticas com as quais determinadas populações recriam incessantemente o universo de suas relações circunscritas em relação às demandas do mundo externo e as organizam no espaço imediato". (TORRE, 2020, p. 73).

Esta modalidade historiográfica se refere sempre a um espaço imediato, incluindo nele, as diversas relações que vão para além daquele pequeno lugar. Pierre Goubert, um pioneiro das discussões neste campo, constitui um dos principais estudiosos e teóricos da História Local e assim a definiu:

Denominaremos história local aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média (um grande porto ou uma capital estão além do âmbito local) ou uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum (como um country inglês, uma bailwick, ou pays francês)." (GOUBERT, 1992, p. 45).

Como se pode concluir, o objeto da História Local está circunscrito sempre a um determinado e delimitado "lugar".

Que lugar é este? Onde se situa? Cabe ao historiador da História Local a priori delimitar, seu campo de trabalho, isto é realizar o recorte do lugar que será seu objeto de pesquisa. E, neste sentido, é preciso entender que o recorte local ou regional é em todos os sentidos uma iniciativa do próprio historiador e que nem

sempre e por isso mesmo irá coincidir com os recortes geográficos e/ou administrativos pré-existentes. Como o lugar ou região escolhidos constituem uma construção do próprio historiador, cabe a ele além de delimitar seu espaço de investigação, esclarecer quais critérios foram usados para sua delimitação.

É preciso entender que a localidade/região possui dimensões e significados diversos, seus limites se recortam e se superpõem, de modo que estando em um ponto qualquer, estaremos ao mesmo tempo dentro de diversos conjuntos espaciais – físicos, econômicos, religiosos, culturais, ideológicos, etc. Esta compreensão é fundamental no ato de delimitação do espaço, pois todas essas influências deverão ser levadas em conta no momento da pesquisa. Além do mais

é importante observar que uma realidade local não contém em si mesma, a chave de sua própria explicação, pois os problemas culturais, políticos, econômicos e sociais de uma localidade explicam-se também, pela relação com outras localidades, outros países, e, até mesmo, por processos históricos mais amplos". (SCHMIDT; CAIANELLI, 2004, p.112).

Assim, nem tudo o que acontece numa comunidade tem sua origem naquele mesmo lugar. Muito, do que se vê no espaço estudado, é fruto de acontecimentos de outros lugares e origens, fato exige uma permanente atenção com as diversas esferas espaciais existentes, conectando o local, com o nacional e o global, no tempo e no espaço. Por tudo isso produzir uma História Local requer muitos cuidados para fazê-lo sem a desfigurar ou mutilar.

Discussão pertinente quando se trata de História local diz respeito a uma análise sobre a natureza de seus autores. Constituindo uma prática muito antiga, a História Local municipal e genealógica se iniciou com a história das famílias, dos feudos, províncias e similares. Inicialmente era produzida fora da Academia por elementos da comunidade, amadores, intelectuais da localidade ou homens letrados que se interessavam por desvendar e explicar o seu lugar e coletar sua história. São os chamados amadores. Com o aparecimento da História de base científica, no século XIX e seus desdobramentos no século seguinte vamos encontrar a História Local adentrando para o interior das academias eruditas e surgindo como objeto de interesse dos grandes historiadores que a revestiram com o aparato inerente a uma produção científica. São os historiadores propriamente ditos.

2.2 - História local x história regional x micro história

Na reflexão conceitual que ora nos propomos, torna-se necessário fazer a distinção entre História Local e História Regional, uma discussão um tanto ambígua, pois nem todas correntes historiográficas utilizam essas duas denominações. Na França, por exemplo, se usa unicamente o conceito de História Local enquanto no Brasil as duas expressões tem uso corrente. Apesar das pequenas nuances que separam os dois conceitos - História Local e História Regional - designam praticamente a mesma coisa e podem ser tomadas como sinônimos. A região, conceito amplamente discutido na geografia, está relacionada a um determinado espaço físico e constitui um lugar mais amplo que apresenta um sistema com dinâmica própria interna, possuindo suas regras e ligações com outras localidades semelhantes. A ideia de História Regional tem sentido em países de dimensões continentais como o Brasil, onde podemos analisar grandes espaços como, por exemplo, a História do nordeste, a História da Amazônia, o vale do Paraíba, etc.

Já a História Local traz a ideia de “localidade” e nos remete a um espaço menor ou então se refere a um recorte transversal que pode ser de caráter político, religioso, ideológico, cultural, étnico, etc. Há uma notável tendência de se utilizar História Local para o estudo de localidades menores (a formação do município de Campos dos Goytacazes, o estudo da imigração italiana no sul do Espírito Santo, a ocupação do vale do rio Carangola etc.) Teoricamente os dois conceitos - história regional e história local - podem ser usados quase com o mesmo sentido, e embora no Brasil sejam de uso concomitante, nos últimos tempos o conceito de História Local tem sido empregado de forma hegemônica. Isto, talvez porque o termo região/regional nos remeta mais aos estudos regionais, típicos de um campo de saber específico da geografia, disciplina esta, que teve o pioneirismo na discussão desse conceito.

Em finais do século XX, surgiu como nova proposta - a micro história - que quebrava os parâmetros da historiografia dominante, pretendendo a partir de um ponto de vista particular construir uma outra história. Um dos méritos da micro história foi ter colocado de saída o problema da variação da escala, seus subsequentes efeitos cognitivos, além de apreender tudo o que se refere à vivência

do objeto pesquisado. Para Grendi, reduzir o campo de observação significa integrar as diferentes dimensões da experiência social. “Variar a focalização de um objeto não é unicamente aumentar ou diminuir seu tamanho no visor, e sim modificar sua forma e sua trama” (REVEL, 2010, p. 438). Com esta dinâmica surge uma importante geração de historiadores constituída por Carlo Ginzburg², Giovanni Levi, Le Roy Ladurie e outros, dedicada a reduzir os campos de observação e produzir o que se denomina micro história.

A História Local e Micro História são duas modalidades historiográficas que dialogam entre si, mas não devem ser confundidas. A Micro História se interessa em estudar numa escala microscópica temas que poderão ou não estar localizados num determinado lugar. Deve ser diferenciada de conceito de História Local/ História Regional, cujo interesse se situa na localidade, na região e está sempre plantada em um “lugar”. O historiador que se dedica à História Local estuda a região enquanto a Micro História estuda na região. Estudar “a” região e estudar “na” região são coisas completamente distintas. Se a História Local está focada num lugar, a Micro História prioriza uma temática.

3 - HISTÓRIA LOCAL E SUA TRAJETÓRIA

3.1. A história local dos amadores

Como já anteriormente afirmado neste trabalho, a História Local surgiu há bastante tempo no mundo ocidental, sendo elaborada de forma independente ou nas academias locais, por intelectuais ou pessoas de uma maneira geral inseridas nos próprios grupos sociais e que pretendiam elaborar uma história que falasse das particularidades de seu lugar. Era uma produção bastante antiga na Europa. Na França constituía um lugar comum no século XVI quando as histórias provinciais se resumiam a meras listagens de famílias, castelos, ordens religiosas, constituindo uma história descritiva que enumerava os títulos, os privilégios, os nomes famosos, as crônicas e os mexericos sobre a cidade natal do escritor. Nos séculos seguintes, instituições mais fortes, de origem provincial, passaram a publicar suas histórias.

² Ginzburg, em sua obra “O queijo e os vermes”, investigou o cotidiano de um oleiro perseguido pela Inquisição e nesta pesquisa, girando em torno de um indivíduo, conseguiu revelar as características da cultura popular e sua subsequente circularidade entre as classes sociais.

Nestes tempos, quando os meios de transporte e comunicação eram ainda incipientes, o homem se relacionava apenas com o seu entorno, e pouco ou quase nada o afastava dali. Sua compreensão de vida se limitava a seu lugar de origem e neste contexto, a História Local consistia na única modalidade historiográfica que lhe fazia sentido. O século XIX constituiu a época de ouro da História Local francesa, quando ela se ampliou no seio das academias provinciais, originadas na segunda metade do século XVIII, sob a influência do século das luzes. Na Inglaterra e também na Itália, a História Local do mesmo modo é dotada de vasta tradição.

É certo que estas obras não foram produzidas segundo os parâmetros de uma história dita científica, mas mesmo assim, podem ser consideradas obras de valor. Diz Michel de Certeau:

Finamente o que é uma 'obra de valor' no âmbito da história? Aquela que é reconhecida como tal pelos seus pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso em relação ao estatuto atual dos 'objetos' e dos métodos históricos e que, ligada ao meio do qual é elaborada, torna possível, a partir daí, novas pesquisas. O livro ou artigo de história é podemos afirmar ao mesmo tempo, um resultado e um sintoma do grupo que funciona como laboratório". (CERTEAU, 1988, p. 23).

No Brasil, o registro da História Local tem suas raízes na obra dos cronistas e viajantes que durante o período colonial deixaram em seus escritos as impressões sobre a colônia e seus lugares. Mais tarde, já no século XIX surgiram eruditos - os memorialistas - que escreveram sobre as diversas localidades. Em cada região, vamos então encontrar intelectuais que se baseando numa documentação que lhes era próxima, puderam produzir obras com as quais procuravam descrever, explicar e compreender seus lugares de origem. Produziram uma história que poderíamos classificar como pré-científicas, pois nem a História como ciência havia ainda se consolidado como tal, e nem esses autores possuíam o domínio de qualquer método científico que pudesse embasar suas obras.

Podiam ser historiadores ou não, amadores ou profissionais e em geral eram pessoas ligadas à comunidade pesquisada e se dedicavam a produzir memórias, e não uma História produzida de acordo com os ditames da academia – daí a classificação como memorialistas. Possuíam a grande vantagem da proximidade das fontes, cujo acesso por isso mesmo lhes era facilitado, conheciam com profundidade sua região e muitos organizaram arquivos pessoais e orais. Felizes os lugares que possuem obras dos memorialistas e escritores locais porque reunindo fontes

documentais preciosas, eles servem de ponto de partida para a construção de uma história mais elaborada.

3.2 - E surge a história científica (século XIX)

Quando no século XIX, a História se consolida como ciência e aparece uma produção preocupada com fontes, método e teoria, a História Local dos amadores já havia percorrido um longo caminho. Porém, o novo mundo historiográfico de cunho acadêmico não se interessou, neste primeiro momento, pela produção da história dos lugares. Quando a História atinge o grau de ciência³ o foco dos historiadores está na produção de uma história de caráter geral, priorizando as questões nacionais, descrevendo suas grandezas e enaltecendo as grandes e importantes figuras da sociedade.

O interesse desta primeira geração científica de historiadores voltava-se para as altas classes sociais, pretendendo a construção de uma história de âmbito geral, de cunho nacional de modo que o enfoque regional ou caía no desinteresse completo ou ficava para um segundo plano. Sobre estes historiadores

seria correto afirmar que a velha escola estava interessada em legisladores e não no implemento das leis, naqueles que governam e não nos governados, no clero e não nos fiéis, nas memórias dos homens letrados descrevendo seus países e não nas realidades desses mesmos países. (GOUBERT, 1992, p. 4).

Nesse ínterim, aquela antiga História Local, há tempos praticada com cuidado, zelo e até orgulho pelas comunidades foi alvo de certo desprezo pelos adeptos da História de caráter científico. A nova modalidade de História, nascida no seio da academia e das universidades, mantendo o foco na grandeza nacional, quedava-se profundamente preocupada com a crítica documental, e mergulhada em outros interesses, não levava em conta as evidências dos fatos locais, as particularidades típicas de cada lugar e conseqüentemente não se interessava pela produção de uma História Local. Podemos, entretanto afirmar que apesar desta postura, a consolidação da história como ciência, não conseguiu desmobilizar

³ Este é o período quando se consolidou o historicismo alemão de Ranke e a escola francesa de Langlois e Segnobos, cujo foco se voltava para a crítica documental, preocupada com a sequência dos fatos que deveriam ser ordenados cronologicamente – a história “evenemencielle”.

totalmente a produção Histórica Local feita pelos amadores. Ambas passaram a coexistir: de um lado a história científica desenvolvida pelos grandes intelectuais das academias/universidades e do outro lado correndo em paralelo, embora um tanto desprestigiados, os trabalhos sobre a história local, obra dos historiadores amadores.

3.3. - Renasce o interesse pela história local (séculos XX e XXI)

A História Local foi enfim descoberta e tem sido na atualidade, amplamente pesquisada, passando a constituir uma categoria que tem despertado interesse nos círculos historiográficos a partir dos finais do século XX e inícios do século XXI. Se no primeiro momento de estruturação da história científica não havia interesse da academia pela História Local, quando este quadro se inverteu ?

Este foi, sem dúvida, um longo processo pelo qual História Local passou no interior da academia, numa sequência que ora pretendemos acompanhar desde seu começo até ela atingir um grau significativo de interesse pelos historiadores propriamente ditos. Tal fato foi motivado pelas grandes discussões travadas no interior da historiografia, cujo desenvolvimento culminou com o aparecimento da história social e a história cultural. Vejamos a seguir como se deu toda essa trajetória.

a) Da Geografia para a História

Na origem, o interesse pelo regional e seus respectivos desdobramentos começou, em princípios do século XX, nos campos da geografia, quando se iniciou uma copiosa discussão a respeito do conceito de região, originada na escola de Vidal de La Blache⁴, cujo *Tableau de la Geographie de la France* (1905) tornou-se o modelo maior a ser seguido por gerações e gerações de geógrafos, uma referência respeitada e admirada pelos seus seguidores.

Ocorre que esta discussão não se estacionou por aí. A geografia evoluiu e novas referências se somaram ao conceito inicial, ainda incipiente, procurando definir a região, a partir de coordenadas bastante díspares. Foram muitos os questionamentos e entre eles: como coincidir uma região delimitada

⁴ Vidal de La Blache geógrafo francês que se opôs ao Determinismo Geográfico Alemão de Frederick Ratzel e foi o criador da escola regional francesa a qual valorizava a ação do homem no meio geográfico. Foi por isso considerado um dos grandes responsáveis pela difusão da Geografia Humana

geograficamente com os aspectos antropológicos, culturais e/ou políticos existentes num mesmo lugar? Esta não foi uma questão de simples solução. Hoje já se compreende que um mesmo lugar contém várias espacialidades que se superpõem, pois um determinado ponto espacial contém em si vários outros espaços superpostos - físico, cultural, político, de transporte, etc. Tais discussões contém o embrião da Geografia Humana que entrando em contato com a história, vai contaminar o espaço do historiador, e será um fator determinante para o surgimento da História Regional.

b) uma renovação historiográfica – Escola dos Annales.

Aos poucos, o interesse pelo regional começou a tomar corpo no campo da História, alavancado por sua renovação com a respectiva introdução de novos objetos, fontes e métodos, uma grande transformação dinamizada pelo surgimento da Escola dos Annales (1929)⁵. Importante assinalar os desdobramentos desse movimento que revolucionou a historiografia, introduzindo críticas severas às ideias tradicionais e elitistas do período anterior, além de promover grande inovação na sua respectiva discussão teórica e metodológica.

Os Annales constituíram uma talentosa geração de historiadores, e entre suas muitas contribuições, trouxeram também a ampliação e a difusão dos estudos regionais e locais. Nessa primeira metade do século XX, uma introdução tímida da temática local ocorreu no interior da História dita científica que passou a olhar com maior interesse para as realidades locais. Começaram a surgir pesquisas sobre História Regional/Local, pontuais, é verdade, mas que não pararam por aí, e ainda hoje estão longe de se quedarem esgotadas. É quando surgiram historiadores como Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel e outros interessados no tema. No início deste século (1911) Febvre se debruçou sobre uma região geográfica bastante particular - o Franco Condado, onde encontrou uma variedade documental robusta que possibilitou sua análise, através do trabalho de uma única pessoa. Bloch, importante autor da geração dos Annales, entendeu a necessidade de se estudar todas as regiões da França para se atingir a compreensão do todo. Braudel

⁵ A escola dos Annales constituiu um movimento que revolucionou a historiografia a partir das publicações de um periódico acadêmico, “Annales d’Historique économique et sociale”, através do qual se incorporaram os métodos das ciências sociais à História, produzindo uma série de avanços no campo da História.

(1940/1950) produziu *Mediterrâneo*⁶, uma obra que, tratando das relações entre as sociedades humanas e o meio natural, trouxe para a História a concepção de espaço na longa duração.

Era ainda uma produção bastante incipiente e podemos ainda afirmar que, ao mesmo tempo, ao largo deste universo acadêmico, os memorialistas disseminados em seus rincões continuavam a produzir sua História Local.

c) As várias tendências da historiografia

A historiografia não constitui um modelo monolítico dotado de apenas um viés dominante, mas, ao contrário, é marcada pelo surgimento de tendências diversas que se opõem ou se complementam. Deste modo, deparamos na segunda metade do século XX com a História Social, a História Cultural, a Micro História, a História Global, a História Conectada etc.

Nos anos 1990 surge com destaque no cenário historiográfico, embalada pelo fenômeno da globalização e o grande desenvolvimento tecnológico, uma modalidade de História denominada história global que foi adotando uma grande diversidade de títulos, os citados acima. Seus pressupostos metodológicos e programas, embora não fossem totalmente coincidentes, tinham como interesse comum produzir uma história baseada em grandes acontecimentos, fenômenos maciços, longa duração, generalizações e grandes espaços – uma macro história.⁷

Neste momento, temos então a existência de dois modelos de construção historiográfica: a macro história e a micro história⁸, aparentemente antagônicos, mas que na verdade são apenas frutos da variação da escala de observação. A generalização típica da história global produz uma visão ampla da realidade, mas é um procedimento abstrato que quando constrói a História sacrifica detalhes e particularidades das relações sociais, assim como na cartografia a macro escala elimina a singularidade de seus traçados. Se na grande escala ocorrem generalizações que sacrificam os detalhes (macro história), minimizando seu foco são reveladas as particularidades do objeto pesquisado (micro história).

6 N. E.: “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II” foi editado pela primeira vez no Brasil em 2016 pela Edusp, a partir de uma nova tradução do original em francês. Ver mais em:

<https://www.edusp.com.br/livros/mediterraneo-e-o-mundo-mediterraneo-na-epoca-de-filipe-2/>

⁷ São referências desta corrente historiográfica Stanjay Subrahmanyam, Serge Gruzinzky, David Armitage e outros.

⁸ A micro história nasce também nos finais do século XX sendo, portanto, contemporânea da História Global.

d) A história local sob as influências de novos modelos de História

A partir da segunda metade do século XX, a história local toma força e aparece, crescendo em quantidade e qualidade. Tal fato pode ser creditado aos novos rumos da historiografia. De um lado o surgimento da História Cultural⁹, de influência antropológica que recupera o interesse pelas manifestações culturais, pelo saber local, pela aceitação das particularidades e pelas relações entre centro e periferia, aspectos que criam incentivos para a produção de uma História Local. Por outro lado, temos o advento da História Social porque nela o interesse do historiador se voltou para a “história da sociedade como um todo, e não somente daqueles poucos que felizes, a governavam, oprimiam e doutrinavam”. (GOUBERT, 1988). A História Social, ao contrário do período anterior, privilegiava agora os variados grupos sociais que constituíam a sociedade, se interessando pela história de grupos humanos os mais diversos, assim como se preocupava também com fatos do cotidiano, como a história do alimento, do vestuário e do imaginário, pretendendo dar conta dos mais diversos aspectos da vida social. Estes novos modelos abriram espaço para o local/regional e no caldo desses novos interesses, a História Local se desenvolve, tornando-se um importante segmento da historiografia.

É quando ela toma fôlego, motivada de um lado pela citada evolução da historiografia e por outro impulsionada pela expansão universitária e a criação dos cursos de pós-graduação que vão propiciar o surgimento de grande interesse por esse ramo de pesquisa no exterior e também no Brasil. Como consequência teremos uma multiplicação de monografias e publicações acadêmicas voltadas para a temática regional/local. Em contrapartida, verificamos nesse momento, um recuo na produção dos memorialistas que agora teriam que competir com uma História de embasamento científico, recuo este que não os anula completamente, pois ainda, mesmo no século XXI, apesar da hegemonia da produção de uma História científica, ainda encontramos algumas de suas esparsas publicações.

Enfim, podemos inferir que a produção da História Local possui duas vertentes importantes: a) a História Local construída pela academia revestida do caráter científico que lhe é peculiar; e b) uma outra História Local, de caráter mais descritivo, fruto do trabalho dos amadores, muitas vezes classificados como memorialistas. Não procede fazermos aqui, um juízo de valor, enaltecendo ou

⁹ Podemos citar como representantes desta vertente Mikhail Bakhtin, Peter Burk, Pierre Bourdieu, Robert Darnton, Roger Chartier e outros.

desprestigiando quaisquer que sejam estas vertentes, pelo contrário, cabe agora afirmar que as duas produções acima citadas, embora diferentes, são ambas dotadas de valor, pois cada uma delas tem desempenhado seu papel específico.

4 - RAZÕES E DESAFIOS

4.1 - Razões

Razões e desafios contemplam as abordagens sobre História Local. As razões justificam sua produção e ensino e os desafios resultam em preocupações e dificuldades que devem ser ultrapassadas. A seguir passamos a discutir os pontos positivos que justificam a produção e o ensino da história Local. Em primeiro lugar vem a constatação de que qualquer projeto historiográfico por mais complexo que seja, possui um ponto em comum: todo fato histórico se realiza em um determinado lugar o que nos permite afirmar que toda história é local. Michel de Certeau, em sua obra “A Operação Histórica” (CERTEAU, 1988), afirma que, assim como o trabalho historiográfico se realiza num lugar – “lugar de produção” –, o fato histórico também acontece em determinado local, e isto será determinante para a modelagem da História em construção.

Por outro lado permite, por exemplo, que o pesquisador ao direcionar o foco de sua análise para um pequeno espaço, reduzindo assim sua escala de observação, tenha a possibilidade de perceber as singularidades existentes naquele local, observar detalhes e minúcias que não seriam visíveis, caso se alargasse a visão e pretendesse analisar uma história de caráter geral. É no pequeno espaço que se escondem os detalhes, as experiências invisíveis e as singularidades ao passo que uma história de caráter geral se limitaria apenas a perceber as semelhanças existentes.

Outro aspecto relevante e inerente a produção da História Local reside na facilidade de acesso ao acervo documental existente nas localidades pesquisadas. Monumentos locais, depoimentos orais, memórias adormecidas podem servir de apoio a uma rica pesquisa sobre a história do lugar. Nestes lugares, pode-se contar ainda com os arquivos particulares e coleções de documentos individuais a postos para serem descobertos e utilizados pelos historiadores. Além do mais, a pesquisa e a produção da História Local podem produzir lugares de memória e no momento em

que a comunidade se apropria desse material, ele serve de base para sua compreensão histórica e para a celebração das datas festivas.

Digno de nota é o fato de que o conhecimento da história local através de sua difusão ou ensino é capaz de desenvolver nos habitantes locais um forte sentimento de pertencimento que na sequência reforça a ideia de cidadania.

Conhecer realidades do processo histórico local e regional é indispensável à construção da identidade do grupo humano. Além disso, satisfaz a necessidade de entender aquilo que está próximo de nós, diretamente relacionado a nossa vida social, econômica e cultural. (CONSTANTINO, 2004, apud DONNER, 2012, p. 221).

Importante notar que quando o homem, através do conhecimento da História Local, vivencia no seu habitat as experiências de caráter cultural, político, ideológico, familiar, religioso típicas do lugar, ele passa a se reconhecer dentro do discurso historiográfico, como parte integrante dele. O processo histórico que parecia longínquo, como que adormecido nos livros, quando entra em contato com a História Local torna-se real e palpável. Isto porque os fatos, objetos da História local, lhe são próximos, acontecem no seu entorno e com atores conhecidos.

4.2 - Os desafios

Alguns cuidados básicos são necessários quando se tem o objetivo de produzir História Local. A primeira preocupação é ter em mente que o lugar analisado não existe isoladamente, mas inserido num espaço onde incidem influências diversas e muitas coordenadas. Como afirmaram Schmidt e Caianelli a “realidade local não contém, em si mesma, a chave de sua própria explicação”, (SCHMIDT; CAIANELLI, 2004, p. 112), pois ela se relaciona com outros espaços e amplos processos históricos. O procedimento básico será, portanto, olhar para a localidade, descobrir seus contornos e conexões sem, no entanto, perder a perspectiva do todo. Olhar simplesmente para o local produzirá uma história pobre, desinteressante porque isolada de um contexto maior e sem dúvida fadada a cair no erro crasso de um reducionismo historiográfico.

No sentido inverso usar parâmetros locais para explicar o mundo é um princípio que não se sustenta porque seria uma operação limitada e ineficaz e produtora de outro tipo de reducionismo. O típico do local e suas singularidades não

serão necessariamente semelhantes ao todo da História embora local e geral se comuniquem e se influenciem. Outro perigo comum na produção da História Local é cair no erro do anacronismo que significa usar a noção de tempo de forma inapropriada, utilizando explicações temporais fora de seus devidos contextos. Na História local, exige-se que as realidades temporais tenham o tratamento apropriado, para a compreensão dos fatos abordados. Não é com a mentalidade do hoje que se deve construir o ontem, mas impõe-se que se use os valores cronológicos adequados para a compreensão e construção de cada fase respectiva da história.

Mais comum na obra de amadores que muitas vezes fazem História Local a pedido de políticos ou pessoas influentes do lugar, a possibilidade de o autor cair na armadilha de se deixar levar pela construção de uma História de cunho personalista e sem a devida isenção de interesses. Neste caso podemos destacar alguns exageros e falhas, tais como visão etnocêntrica e localista exagerada, bairrismo fora do lugar, excessivo tom laudatório da obra e motivos personalistas que sem dúvida são fatores responsáveis para desprestígio desta modalidade da História.

Produzir uma biografia apenas para atender aos interesses do biografado, exagerando no uso dos elogios seria incorrer num grave erro. Ao construir, porém a vida de um personagem local, acompanhando sua trajetória, levando em conta o contexto de sua existência, compreendendo as questões e fatores que o produziram e analisando as consequências de sua obra para o lugar, pode trazer uma grande contribuição para a construção da história daquele lugar. Uma biografia constitui uma excelente peça de História Local se for bem contextualizada, menos adjetivada e pouco laudatória.

5 - CONCLUSÃO

A partir das considerações e discussões aqui realizadas, podemos concluir que o conceito de História Local, mesmo tendo como foco temáticas diversas, possui como diferencial um componente fundamental: trata-se sempre de um recorte espacial de pequenas (História local) ou médias dimensões (História Regional), cujo desenvolvimento estará sempre ligado a um determinado lugar.

É também notório que o processo de surgimento da História Local/Regional se fez através de duas vertentes, a saber: a História Local realizada pelos amadores

(memorialistas) e uma outra dotada de viés científico. A primeira mais antiga possui uma longa tradição e, a segunda tem suas origens com o surgimento da História científica concretizado no século XIX. Este segmento, quando surge, aparece voltado para a historiografia de caráter geral e não se interessava pela produção da História Local o que permitiu que a história dos amadores continuasse com suas inúmeras publicações¹⁰.

Com a escola dos Annales começou a aparecer no interior da História Científica o interesse pelos estudos locais, ainda que de forma pontual, de modo que as duas vertentes citadas continuaram a coexistir de forma paralela na primeira metade século XX. No último quartel deste século, com o despontar da História Social e da História Cultural, o quadro se inverteu- e vai surgindo a predominância da História Local de caráter científico enquanto tem início um recuo significativo e progressivo da produção dos amadores. No século XXI, mais no interior das Universidades o interesse pela História local se consolida.

Concluindo podemos afirmar que a História Local é dotada de excelentes razões e alguns desafios. Como vantagem ela nos permite descobrir as particularidades da região/do lugar, desperta o sentimento de pertencimento, contribuindo fortemente para a construção da cidadania, permite que o homem comum se sinta agente expressivo da História, além de contar com o acesso facilitado aos documentos. No entanto, para garantir a excelência da obra torna-se necessário que se tome os devidos cuidados para evitar os reducionismos, anacronismos e os discursos laudatórios em excesso.

REFERÊNCIAS E CONSULTAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21., p. 9, jul. 1998. ISSN 2178-1494.

BARROS, José d'Assunção. *O Lugar da História Local*. In: BARROS, José d'Assunção. *A expansão da História*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, Memória e História Local. *Criar Educação*, v. 2, n. 2, 2013. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1247>. Acesso em: 27 dez. 2020.

¹⁰ Como exemplo, tomando por base a historiografia campista podemos citar inúmeros memorialistas que produziram, nesta época, obras clássicas da história local, como Alberto Lamego e Alberto Ribeiro Lamego, Júlio Feydith, Visconde de Araruama, Horácio de Souza, Teixeira de Melo etc.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensinar História: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *História da Agricultura e História Regional*. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. A operação Histórica. In: NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques. *A história e seus problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DONNER, Sandra Cristina. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 11. 2012. Rio Grande. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2012. Disponível em: http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/18/1342993293_ARQUIVO_HistoriaLocalBrasileMundotexto2012.pdf . Acesso em: 27 dez. 2020.

GOUBERT, P. História local. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 6, p. 51-52, jan/jun., 1992.

HUNT, Lynn (org.) *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fonte, 1992.

LEPETIT, Bernard. Arquitetura, Geografia, História: usos da escala: In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (org.). *Por uma nova História Urbana*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 191-226.

MARTINS, Ana Rita; MOÇO, Anderson. Como relacionar História Local com a História do Brasil. *Revista Nova Escola*, Petrópolis, n. 241, abr. 2011.

REVEL, Jacques. Micro história, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15. n. 45, set./dez. 2010.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 19, p. 219-242, set. 1989/fev. 1990.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *O conceito de História Local e o ensino de História*. São Paulo: Scipione, 2010.

TORRE, Ângelo. A Produção histórica dos lugares. In: VANDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (orgs). *Micro História – um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

VIANA, José Ítalo Bezerra. *O conceito de História Local*. Sobral: INTA, 2016. Disponível em <https://md.uninta.edu.br/geral/historia-local/pdf/HIST%c3%93RIA%20LOCAL.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2020.